

Noticias de Barcelos

Director e Proprietario—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

PALAVRAS DE JUSTIÇA foram gravadas neste jornal, onde o nome do actual Presidente da Camara, o Sr. Miguel Miranda, foi focado muito justamente.

A eles nos associamos com a maior sinceridade, conhecedores da obra tenaz a que se devotou, o equilibrio financeiro do nosso Municipio.

Faz sempre bem reconhecer o valor onde ele existe, realçar o merito daqueles que sacrificam o seu bem-estar pela causa publica; podendo sentir a vida nas suas modalidades mais tranquilas arrastam com os dissabores, injustiças, sacrificios que se amontoam dia a dia, hora a hora

Palavras de justiça vieram a publico no «Noticias de Barcelos» emoldurando o nome do Sr. Miguel Miranda, como Presidente do Municipio, cumprindo o seu dever o jornal que foi fundado para fazer a propaganda do Estado Novo e prestigiar os homens que bem o servem.

E se mais não houvesse que louvar, basta a forma criteriosa como o Sr. Presidente da Camara conduziu as negociações com a Sociedade de Electricidade que fornece a luz para Barcelos, fazendo o arrumo de contas ha tantos anos em aberto, o que era motivo de constantes apreensões, para os Municipios lhe ficarem a dever um grande reconhecimento.

Defendeu com energia os interesses do Municipio e conseguiu vantagens para o publico, como se verá na sequencia do contracto.

A's palavras de justiça, bem cabidas e oportunas, nos associamos, sentindo enorme prazer em ver que se prestigiam Homens que devotadamente *serviram e servem o Estado Novo*.

A HORA DE JUSTIÇA vem afluando, felizmente, encorajando aqueles que pelo Estado Novo vem sacrificando as horas da sua vida, gastando energias com uma dedicação exgotante.

Ainda agora acabamos de ler a estatística do resultado eleitoral, no Concelho de Barcelos, para a eleição Presidencial, e por ela se constata a enorme afluencia ás urnas, o que é consolador, raramente excedida noutros concelhos.

Estando inscritos 7840 votaram 6744 eleitores.

Deve-se, em grande parte, á educação civica do Povo, conscientemente integrado nos principios do Estado Novo; mas—é preciso que se diga nesta hora de justiça—tambem a Autoridade Administrativa orientou os trabalhos por tal forma criteriosa e proficiente que não podia ser outro o resultado, tão brilhante como foi.

O Sr. Francisco José Monteiro Torres tem direito a que *palavras de justiça* fiquem igualmente gravadas neste jornal, realçando o valor incontestavel que tem mostrado no desempenho do lugar.

Para o problema da Ordem no Concelho de Barcelos tem concentrado o maximo da sua atenção, e os resultados são bem evidentes; rigoroso na punição dos delinquentes incorrigiveis e perigosos mas benevolo para aqueles que foram levados ao crime num momento de irreflexão.

O Concelho de Barcelos sente-se agradecido a quem tanto o tem defendido e temos a certeza de que se associa a estas *palavras de justiça*.

Propostas de Lei

Quem leu as recentes propostas de lei que o Governo apresentou na Assembléa Nacional, concluiu que o pensamento geral que preside á organização do Estado, em que vamos progredindo,—é uniformizá-la, quanto possivel, dentro da unidade que o Estado Novo se impõe, de harmonia com o principio de que a Nação é, realmente, um todo uno, orgânico, acima dos individuos. Dêste conceito, que, desde a primeira hora tem animado a politica e os discursos de Salazar,—parte o Estado Novo para a justa satisfação dos interesses individuais. Nem ha outro caminho que, mesmo *a priori*, nos possa levar á conclusão certa do equilibrio social.

Das propostas de lei, a que nos referimos, umas são de caracter politico, outras de caracter económico e social. daquelas, distinguem-se a que introduz na Constituição alterações com o intuito pratico de aproveitar as lições da experiencia destes tempos e sistematizar as suas matérias Vale a pena frisar que o presidente da República fica com a faculdade de recorrer ao plebiscito nacional, quando o exija o interesse de ordem pública, em matéria que diga respeito aos órgãos da soberania e sua competência. O recurso ao plebiscito nacional está perfeitamente de acôrdo com o caracter plebiscitário da Constituição, e transformar-se-á em outro órgão de soberania, muito importante no caso da alteração introduzida.

Das propostas de lei de caracter económico, frisemos a que estabelece a ordem financeira, mandando fixar os planos e projectos fundamentais a executar, no periodo de 15 anos e no total de 6.500:000 contos, para a reconstrução económica, defesa nacional, etc.

Outra proposta de lei importante, que obedece ao mesmo objectivo de sistematização, de unificação geral de planos,—é a da reforma do Crédito. A função que o Crédito exerce na economia nacional exige do Estado, conscio do seu papel de supremo orientador, a protecção, a coordenação das instituições que lhe dizem respeito, tudo no intuito de criar confiança e defender as economias particulares.

Para não alongar mais êste artigo, concluamos:—Hoje, em Portugal, merecê da obra financeira de Salazar, podemos lançar-nos, com solidez de meios, no caminho da reconstrução económica, donde resultará «poderio para o Estado e justiça entre todos os cidadãos».

Antonio da Fonseca

UNIÃO NACIONAL

Na sua reunião de 4 do corrente, a Comissão Municipal da União Nacional aprovou a constituição das seguintes Comissões de Freguesia:

Quintilões—Constituida pelos srs. Antonio Machado Pereira do Vale, casado, proprietario, (presidente); Dr. Antonio Felix Machado, médico, proprietario, (vice-presidente); Antonio de Miranda e Silva, viuvo, lavrador, (secretario); Antonio Martins Lameiro, solteiro, lavrador, (tesoureiro); Francisco Alves Zeferino, solteiro, lavrador, (vogal)

Feltos—Constituida pelos srs. Luís Rodrigues de Miranda, José Rodrigues de Miranda, José Joaquim Rodrigues de Castelo Grande, Manoel José de Araujo e Manuel Gonçalves de Sá.

—Tomou conhecimento de officios das Comissões da União Nacional das freguesias de *Aborim, Aguiar, Panque e Mondim*, comunicando a distribuição dos respectivos cargos.

Tomou conhecimento, ainda, de

um officio da Comissão Central, que registando com orgulho o brilhante exito da reeleição de Sua Ex.ª o Sr. General Carmona, vem saúdar—por bem cumprirem o seu dever—todos os nacionalistas dêste concelho.

Adesões

Por fim, foram aprovadas as seguintes adesões de individuos residentes nesta cidade:

João Pereira da Silva Correia, empregado bancário; António Carlos da Silva Esteves; Teotónio Carvalho de Afonseca, empregado comercial; Reynaldo Pereira Machado, empregado comercial; Justino Pereira Martins, empregado comercial; Carlos da Silva Esteves, empregado comercial; Domingos Pinho Martins, empregado comercial; Antonio Gomes de Faria, empregado comercial; Manuel da Silva, empregado comercial.

UMA MULHER de raça negra chegou aos 111 anos sem nunca tomar um remedio, sem ter necessidade de consultar um medico!

Querem ler?

BIRMINGHAM (ALABAMA), 27—Uma mulher de raça negra, chamada Lu-Lu Flofield, que conta 111 anos e é mãe de numerosa prole, anuiu, pela

primeira vez, a ser tratada por um medico. Interrogada pelos jornalistas, a macróbica declarou que a sua actual doença não é de cuidado e que só devido aos insistentes pedidos de grande numero de pessoas autorizou que um clinico a examinasse. Acrescentou: «Os médicos precisam de ganhar dinheiro. Por isso, devemos desconfiar dêles, tan-

NO DIARIO DE NOTICIAS, do Rio de Janeiro, o jornalista Alvaro Pinto, ao regressar do Brasil, depois de visitar Lisboa, aonde não vinha há mais de 15 anos, regista a surpresa que lhe causou Lisboa—uma cidade nova com outra fisionomia e outra educação, e salienta:

«A orgia revolucionária dos primeiros 16 anos de Republica causou destroços ainda maiores, tanto nas coisas como nas pessoas, e condicionou um outro pulso forte, que teve de sanear toda a velha construção demagógica para erguer formidáveis realizações sobre os processos mais simples de bom senso, administração clara e contas abertas.

Em ambos os casos, a velha cidade se transformou profundamente. Creio, no entanto, que nada igualou até hoje, em factos palpáveis, a radical mudança de normas e aspectos, que se notam imediatamente ao chegar á capital portuguesa.

A desordem, a incompetência, a ambição desmedida e criminosa tinham feito de Portugal um circo de banditismo, erguendo-se e demolindo-se Governos ao capricho de cada facção. Encheu-se a medida e extravasou. E, felizmente, extravasou para bem da Nação.

Lisboa, então, foi transformada «em feudo sinistro de carbonários e terroristas». Felizmente, e como consequência do 28 de Maio, ela «tomou um aspecto diverso, reconfortante». Focando essa magnifica metamorfose, escreve:

«As grandes avenidas, quer a da Beira-rio, quer as da cidade nova, são outros tantos padrões de espirito rasgado e progressivo. E os novos edificios do Estado—dentre os quais se salienta eloquentemente o Instituto Superior Técnico—advertem com altivez que tudo se faz na capital portuguesa com intelligência, bom senso e espirito elevado».

Mas... apesar da evidência duma obra assim, os maldizentes não perderam ainda a triste e anti-patriótica coragem de... maldizer. Quem são êles?

«Os que a nada se convencem, os que continuam escravos de ideologias iníquas, com todos os vícios dum liberalismo anti-económico e moral»—afirma o sr. Alvaro Pinto. Em contraposição, porém, «nas chamadas forças vivas, nas famílias, nos próprios operários—se sente um alívio, uma certeza que consolam. Portugal é, de facto, novamente, um país de que se podem orgulhar os portugueses. Há dez anos dizia-se êsse nome entre os dentes. Hoje, pode pronunciar-se a plenos pulmões em qualquer parte onde haja ouvidos humanos.

E não é apenas o palavreado sabroso da retórica dos comícios o que se ouve dos defensores do Estado Novo. Os numeros, as comparações, a terrível Estatística andam agora em toda a parte».

to mais que o corpo humano reage sempre, quando acometido de qualquer doença, depois de decorrido certo tempo, salvo nos casos em que o organismo humano já está gasto. Quando isto acontece, os médicos tambem nada fazem».

E chegou esta .. criatura aos 111 anos!

PALAVRAS E OBRAS

UMA HISTORIA

Esta não veio da America nem tão pouco foi inventada como os contos das *Mil e uma Noites*. É tudo o que ha de mais autentico e verdadeiro, pois que, foi passada aqui, dentro e fora dos muros de Barcelos, onde todos os meus leitores e conspicias leitoras se podem certificar dos locais e dos protagonistas deste romance da vida real, que tem um tanto ou quanto de inédito e de sensacional!

Não é, repito, uma historia da *Carrocinha* como aquela dos reis que casaram com pastoras ou de pastores que casaram com princesas encantadas...

Sim, minhas senhoras; o que lhes vou contar, resumidamente e pela rama, dava um lindo tema; um magnifico assunto para uma *fita d'arte* ou para um pequeno romance de amor estilo *Rosa do Adro*.

Porem, ao contrario dos romancistas e novelistas, a missão do crónista como a do historiador é narrar os factos sem se afastar da verdade.

Mas basta de rodeios e circunloquios e vamos á historia.

O sr. Conde V que é tambem um ilustrado e brioso oficial superior da nossa Marinha de Guerra; veio ha tempos a esta cidade, para liquidar, em parte, uma divida moral—uma divida de honra—contraída por seu filho, quando este, ha anos, se encontrava a ares numa pitoresca quinta dalem Cávado.

Por esse tempo, o filho deste titular tomou-se de amores com uma pobre e ingénua rapariga, filha do povo. Desses amores nasceu uma linda e esbelta criança, do sexo masculino, que hoje deve ter uns 10 a 12 anos.

O Conde, ou antes, o pai sabendo do triste epilogo dos amores do filho, levou para sua casa, para o seu palacio, o fruto destes amores, isto é, o seu netinho, filho do seu filho, criando-o e educando-o fidalgamente como futuro herdeiro do seu nome, da sua fortuna e do seu titulo.

Que lindo gesto, que nobreza de alma, que acto de caridade cristã praticou este fidalgo para com a criança de ontem, o jovem de hoje e o homem de amanhã!

Mas há mais para completar este quadro comovente, perante o qual se abate e fica vencido todo o orgulho humano, oíçam agora esta lição de moral, que o Sr. Conde X deu a este seu netinho, na presença de sua própria mãe, agora viuva e modesta operaria:

«Meu querido netinho:

«Esta mulher que aqui está presente diante de ti, pobremente vestida, é tua mãe. Abraça-a e beija-a carinhosamente. Assim... Nunca te esqueças de que foi ela que te deu o ser e a vida.

«Seja qual fôr a situação em que te encontres pela vida fora, não te envergonhes de a ter por mãe. Respeita-a, ampara-a e protege-a como um bom filho deve respeitar e proteger a sua mãe.»

«Assim falou o Sr. Conde X em seu nome e em nome do seu filho que está gravemente doente, na presença do seu neto e da mãe deste futuro Conde.

Os leitores de coração, mas sobretudo as leitoras de alma sensível que façam os devidos comentários á elegancia cavalheiresca deste gesto, á delicadeza e beleza moral desta atitude fidalga com que foi revestida esta cena íntima e familiar de impressionante verdade.

João Calado

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Barcelos progride?

«Congreguem-se esforços para que a montanha—actualmente sem motivo nem passatempo que prenda o visitante—saia da apatia em que tem jazido. A não ser a linda paisagem, como em parte alguma existe, e a esperança dos fieis e dos crentes... é ainda o passeio entre pinheiros, nada mais temos ali a convidar o visitante a permanecer algumas horas no alto do monte.»

Assim escrevia, a 28 do mez passado, em carta de Viana do Castelo para o «Comercio do Porto» o seu correspondente sr. B. S.

A Santa Luzia, com a originalidade do conjunto panoramico, com hotel, junto ao caminho para, e de, Vigo, por estrada e caminho de ferro, com ascensor a facilitar o acesso, com nome feito em Portugal, e já conhecida além fronteiras,—a Santa Luzia sucede aquilo de que o correspondente de Viana do Castelo para o «Comercio do Porto» se queixa.

É preciso que, aqueles que tomam sobre si o pesado encargo de trabalhar pela colectividade, se sintam animados pelo calor do entusiasmo. E o entusiasmo é, por natureza, inimigo do raciocinio, de temperatura oposta.

Por isso eu gosto de ver o amigo, a que me referi, entusiasmado com a Franqueira, ainda que esse entusiasmo o leve a exageros.

Porque, se assim não fosse, não haveria a coragem de assumir até compromissos pessoais, de ordem financeira, nem a de trabalhar com a persistencia que ele trabalha, arrastando consigo outras dedicações.

Mas, em Barcelos, se os entusiasmos esmorecem muita vez, é tambem porque alcançaram, não raramente, as proporções de megalomania.

Bem sei que ha megalomanias que são as unicas geradoras de obras que, talvez sem elas, seriam irrealisaveis. Haja presente memoria de festa que a Barcelos trouxe a maior das concorrencias e á terra deu nome, embora a caro preço.

E, o amigo, meu e da Franqueira, sabe isto muito bem, porque viu como eu vi.

Diz a velha «Sabedoria das Nações» que: «o optimo é inimigo do bom», e não é a nossa terra aquela a que menos falta faz lembrar o justo conceito.

Por isso, e porque sei de que força é o entusiasmo que anima a Comissão da Franqueira, não tenho receio de enfraquecer-lhes os entusiasmos, ao temperar-lhes o fogo com a frieza de raciocinio baseado na realidade, fazendo observações que só visam ao melhor, e mais pratico, aproveitamento de esforços e dedicações.

E como lá trabalham, por certo, como eu, esquecendo a propria personalidade e so pensando nos vindouros, a identidade de intensões e de propositos sempre facilitará o nosso comum acordo.

E já que tanto tenho contrariado, pondo nota de apparencia pessimista, vou mostrar, com a maior autoridade que me dá, precisamente, isso que chamarão pessimismo, que a Franqueira tem as suas condições de vida, e que deve continuar merecendo a dedicação, que os seus entusiastas lhe consagram.

Tem a Franqueira condições turísticas? Evidentemente.

O conjunto monumental de Barcelos, e a sua situação, garantem a categoria turistica. A Franqueira, a dois passos, com estrada, e no caminho para o litoral, é complemento da visita a Barcelos, sobretudo em dias claros.

Oferece, como já notei, um conjunto inseparavel, devéras interessante; lindo panorama, dos mais bellos pela côr, seja dito sem paixão localista; ermida, que, além de merito arqueologico, tem a envoltura da recordação de culminante facto historico; excavações no local onde provas visiveis atestam a successão das gerações desde a pré-historia até ao primeiro periodo da existencia nacional, marcando, neste, episodio heroico, simbolo do caracter portuguez.

Tem que ver o visitante na Franqueira, que não encontra noutra parte. E, se houver inteligente equilibrio ao mostrar-lho, e lhe derem minimo de comodidades para vê-lo, virá, voltará, e fará propaganda.

Para conseguil-o é mister que tudo quanto respeite ao campo arqueologico esteja, rigorosamente, submetido á auctoridade competente, unica possivel garantia de defeza, como a lei muito bem determina.

Necessario é tambem que as obras de embelezamento e de comodidade, feitas para realçar as belezas do local, e não para inventar novo aspecto em contradicção com o proprio, sejam levadas a cabo com criterio de competencia, e sujeitas á devida intervenção.

E tambem é indispensavel dar-lhe, no terreno da industria hoteleira, esse minimo que a prudencia restringe, pelo menos a principio, e que não deve aspirar a vôos megalomanos, mas que, dentro de certo minimo, é indispensavel, não deixando do ser problema exigindo criteriosa resolução.

Ora ao primeiro requisito facil ó satisfazer, corrigindo pequenas liberdades, que, de resto, embora o contrario erradamente haja, talvez, quem pense, trazem entraves ao desenvolvimento de trabalhos, desenvolvimento só possivel dentro da posição legal.

Ao segundo procura satisfazer a Comissão da Franqueira entregando os projectos á competencia de diplomados, e o Estado, no exame para concessão de subsidio, fará a verificacção complementar.

Ao terceiro parece que a Comissão não encará mal, pois a construcção da casa destinada á restaurante querere mostrar bom caminho para a resolução do importante problema.

Parece-me, portanto, que á Comissão da Franqueira pode ser dado apoio e colaboração ao seu programa, como todo o aplauso merece o seu dedicado esforço.

Mas não seja esquecido pelos que na Franqueira trabalham, nestá ou naquela altitude:—Franqueira é um conjunto. E seja sempre lembrado, tambem, que as competencias estão fixadas em diplomas legais, e só dentro dos limites da lei pode haver liberdades justas.

Procedendo assim, como creio que é norma dos quo, em qualquer altitude, trabalham pela Franqueira, o respeito e a consideração farão impôr o direito á colaboração de todos.

J. P.

A Torre de Menagem

II

Júlic Dantas publicou um primoroso capitulo «Os Castelos» (in «Os Galos de Apollo», pgs. 181, 1921) que sempre me vem á memoria, quando me ocupo da nossa arquitectura militar dos séculos XII á XV cuja riqueza e variedade impressionam vivamente quem visita o pais. É um hino, fluente de erudição e elegantissimo dizer, a esses selos de pedra, espalhados por Portugal, a essas velhas silharias roçadas pelos marrões e pelas picólas dos alvaneis medievos, pagos pelos maravédis áureos da *anúduva* tam citada nos vetustos códices dos arquivos municipais.

Humberto Beça fez deles um relacionamento eruditivo (*Teses nos Congressos Beirão, 1922, de Salamanca, 1923 e Minhoto, 1925*), escrevendo que esses monumentos são dos que mais falam á alma e ao sentimento do patriotismo e já Ramalho Ortigão dissera que todos eles—mesmo os mais comuns e grosseiros—contem factos cujo conjunto é como a estatística das sociedades remotas.

Mas todos os homens de letras citados vincam o desprendimento de portugueses por esses velhos padrões da nacionalidade, verdadeiras pedras de armas da nossa secular nobreza, modo de ser que provoca o reparo dos estrangeiros habituados ás admiráveis reconstruções alemãs, francesas, italianas e espanhólas.

Tende porém a situação a modificar-se, graças á «Direcção dos Monumentos Nacionais», através porém de dificuldades imensas tal o estado de ruína em uns e de deturpação em outros desses elementos para a castrologia portuguesa, tão típica, tão original, tão caracterizadamente nossa!

É o caso da *Torre de Menagem* de Barcelos que, embora sólida e quasi completa, é a bem dizer impossivel fazer regressar a uma feição perfeita, por circunstâncias diversissimas a principal das quais é—intuitivamente—á sua adaptabilidade a um fim actual, útil e definido, respeitando se, até onde fôr possível, sua feição architectónica.

Não se tem visto o caso por este natural e equilibrado prisma, tanto nos projectos de fantasia e fins absolutamente inadmissiveis como nas apreciações que por af se escrevinham em caudal torrente e em termos que revertem aos autores!

A verdade, porém, é que a *Torre de Menagem* de Barcelos ressurgiu livre e imponente e o seu aspecto se traduz, em arquitectura robusta e simples, um inconfundivel ar de nobreza, a prestigiosa afirmação duma força antiga, revela, tambem e principalmente, apreciáveis dados—em documental granito patinado por séculos—que solucionam interessantissimos problemas da História local.

Seja o primeiro, a examinar-se, o da idade das fortificações barcelenses, que agora vejo ser mais remota do que eu próprio supunha.

A tradição, o eco antigo, atribue ao 8.º Conde de Barcelos, depois 1.º duque de Bragança, a construcção dos Muros afortalezados e que havia obras na vila em 1413 (o 8.º conde foi-o em 1401), sendo Vedor Martim Gomes Ouvidor do mesmo Conde D. Afonso, deprende-se duma carta régia de D. João 1.º, dada em Lisboa a 10 de agosto daquele ano, isentando os habitantes de Azurara (Vila do Conde) de servirem para as obras de Barcelos (*Mons. Ferreira, «Memorias do Porto», II 1924, pags. 9 e 10*). Vejamos, porém, a interpretação a dar a esse modo de ver: as muralhas foram então construidas ou já existindo seriam no seculo XV restauradas e fortalecidas?

Segui a versão da total construcção (*«Resenha de Barcelos», 1927, pgs. 29 a 32*) por ser negativo o produto de cautelosa investigacção, a respeito da ancianidade das fortificações de Barce-

TRABALHOS GRAFICOS

Executam-se com perfeição na

TIPOGRAFIA DESTE JORNAL

ECOS SEM ECO

A ordem do dia

Se ao longe

viveramos não acreditariamos o que em terras nortenhas se tem passado ao propósito dos decretos viti-vinícolas ultimamente publicados.

Que desorientação, que falta de civismo e de educação!

Nós temos vivido na doce ilusão de que no governo da Nação estavam homens dedicados e inteiramente devotados á causa nacional, e portanto incapazes de prejudicar directo ou indirectamente o bem da Nação, o bem geral, os interesses da colectividade; mas não; ao que aí vai de protestos, de críticas e até de insultos, estavam enganados...

Julgavamos que a Assembleia Nacional e Câmara Corporativa eram formados pelo escol do saber, da competência e do bom senso, e que por consequência os mais aptos para deliberar sobre os momentosos assuntos que o Governo vai propondo ao seu estudo e reflexão.

Mas mais uma vez nos enganamos ou desenganamos ao ouvir aqueles protestos com os pés e com ferros no comício da lavoura, em Braga.

Tivemos então mais uma vez ocasião de avaliar a psicologia do nosso povo; de ponderar a sua falta absoluta de educação e de raciocínio.

Que horror! Uma reunião chamada de lavradores, mas que mais pareceu de zaragateiros demagógicos, em que tanto pela nossa causa falou o grande paladino das reivindicações populares, o Padre Routteu português, o expoente máximo dos campeões pro lavoura, ouvirem-se improperios e arruaças, que bem pareciam de gente avinhada. foi um cúmulo de desorientação, que não julgamos possível uma reunião pública depois de tantos anos de Estado Novo.

Que diriam de si para si tantos homens ilustres pelo saber de experiências feito ao presenciarem aquele espectáculo triste que deram muitos dos nossos lavradores do Minho.

Mas sobretudo como iria edificado daquela reunião o grande bracarense e ilustre membro da Assembleia Nacional o Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Cruz!

Não foi por custo dizer de suas impressões desagradabilíssimas lá em Lisboa; mas porque é minhoto e dos melhores terá encobrido tanta deseducação e terá apresentado as reinvin-

Continua na 6.ª página

los para trás do século XV, em livros e documentos.

Hoje, porém, a exploração da Torre de Menagem por motivo das obras em decurso, manifesta que o Muro (as muralhas comparadas nos diversos restos subsistentes) é mais antigo do que a Torre; a sua textura arquitectónica modular acusa-lhe maior *velhice* e, em conclusão superveniente, quando nos séculos XV-XVI se construiu a Torre, adossada ao Muro, o Paço dos Condes Duques e demais obras de vulto da fortificação barcelense, já a povoação era muralhada anteriormente. Desde quando então? Dizem os técnicos que desde os séculos XII-XIII em forma rudemente singela:—uma muralha, simples, agasalhando o grupo apertado de casario da vila desses tempos e já no século XIV, *in fine*, sem oferecer condições de defesa e portanto sem se lhe encontrarem referencias nos relatos das lutas do tempo.

Mas esta conclusão promove outros efeitos de crítica histórica como mostrarei.

Barcelos, 26 de Fevereiro de 1935.

José de Barcelos Sampalo

Da Associação dos Arqueólogos e Delegado dos "Monumentos Nacionais," em Barcelos

A BEM DE BARCELOS

O amor e entusiasmo que antigamente se notavam em todos os sectores sociais, por tudo o que fosse engrandecer e elevar a sua terra, arrefeceu como se lançassem num brazeiro uma bilha de agua. O desprendimento e a descrença com que hoje se discutem os problemas de Barcelos, causam dó. Se alguém isoladamente se lembra de meter ombros a qualquer obra de proveito moral ou material, cedo desiste pela falta de entusiasmo e colaboração dos homens que podiam, mercê do seu prestigio e autoridade, ajudá-los. O comodismo venceu-os e quando os consultam e pedem o seu apoio, esquivam-se criminosamente, alegando quasi sempre a falta de tempo ou de saúde. E assim, com este desinteresse, sobrecarregam-se meia dúzia de individuos que tiveram a veledade de arcar com as responsabilidades do mando, instados por pessoas amigas para aceitar cargos que eles com sacrificio vão mantendo, mas ansiosos por deixá-los com brevidade, tal a falta de colaboração.

Intitulando-se bairristas e amigos da sua terra, criticam com desafôro tudo aquilo que os outros fazem, unicamente com o fim de os diminuir e inutilisar. Julgam-se super-homens e pavoneiam-se com vaidade, tendo sempre na ponta da lingua o seu plano, mas só seu, como se só eles sejam os inteligentes e capazes de engrandecer a terra.

Esta vaidade é peste que assentou arraiais em Barcelos e que será de difficil exterminio, dada a boa terra onde ela gerou. As suas raizes estão bem agarradas á seiva e não será com um fragil canivete que se conseguirá cortá-las. Nem eu pretendo, com a minha fraca pena transformar o mal em bem, a vaidade em modestia, a arrogancia em humildade, a preguiça em trabalho. Quem me dera que estas humildes e pobres palavras, mas que são sinceras e verdadeiras, infelizmente, comovessem aqueles que venho de criticar, porque então ocuparia horas e horas a maldizer, para bem fazer.

Nem só de dinheiro vive o homem. A sua personalidade não está no ouro que arrecada, nem na vaidade que exteriorisa. Está no que ele faz para bem da humanidade, no que ele trabalha em favor da grei. A seguir á familia está a nossa terra. Trabalhando a favor dela, dando-lhe valor e amenizando o sofrimento dos seus filhos, sente-se intimamente uma satisfação enorme do dever cumprido. Dar-lhe a nossa intelligencia, o nosso trabalho e o nosso dinheiro que sobra, não se faz um favor, cumpre-se um dever.

O egoismo atroz em que a maior parte dos homens está viciada, não se coaduna com os tempos que decorrem. Quando á frente dos destinos duma Patria se colocam homens que a quem servir com sinceridade—á parte ás ideias politicas que são apenas formulas e não mitos—, temos o dever de os ajudar e colaborar com eles. O individualismo feroz que se desenvolveu com a guerra e que o governo da maior parte das nações deixou vingar e crescer, tem os seus dias contados. Temos que trabalhar em favor de todos e não só no nosso. Temos que nos adoptar ás circunstancias para que, com a nossa colaboração, alguma parcela de bem nos caiba. Não pensa assim a maioria e em caminho errado seguem, como cego sem guia, que vai inocentemente cair no abismo.

E' por isso que a maneira de pensar dos barcelenses sobre a sua terra é um mal de que todos colherão em futuro próximo as consequencias. Como seria belo se todos, sem excepção, abatendo o fanatismo de politica teorica e nefasta, esquecendo imaginarios dissabores, pondo de lado pequenos melindres, se juntassem para o mesmo fim, um fim nobre que eleva e engrandece uma terra e prestigia uma nação! Não é com intrigas e dissidencias, nem com manhas politiquieiras que triunfamos, Triunfamos com a verdade e sinceridade. Seremos respeitados e exaltados com o nosso serviço em favor da nossa terra ou da nossa Patria, mas um serviço desinteressado e nobre, sem vaidades nem vinganças.

A Bem de Barcelos, seriam as palavras que se ouviriam, sem o rancôr de ódio a que estamos habituados nesta pequena terra, onde o mal impera e alastra assustadoramente. Homens de bem não faltam, todos nós os conhecemos. O que não há é ambiente, nem senso. Há uma criminosa má vontade nascida das lutas politicas e da vaidade dos homens e que, por mais voltas que lhe deem, será de difficil expurgação. E' que, a maior parte dos homens coloca acima da sua terra e da sua Pátria, o seu ideal politico. Sem abdicar desse ideal, o homem pode ser util e servir com a sua intelligencia, coadjuvando no desenvolvimento da terra que deve ser para ele sagrada e estar acima de todos os preconceitos e principios. Ser bairrista e ser patriota é obrigação de todos os portugueses. Infelizmente há muitos que só para verem em prática a sua ideologia, preferiam ver a nação, ou a terra que lhes foi berço, aniquiladas.

R.

CASAMENTOS

Na semana finda realizaram os seus casamentos nesta cidade o sr. José Perestrelo com a sr.^a D. Elisa Miranda da Silva, habil modista de chapéos e o sr. Antonio Teofilo Alves de Carvalho com a sr.^a D. Maria de Lourdes Torres Matos e em Barcelinhos o sr. Acacio Candido Gomes da Costa com a menina Maria Amelia de Matos Machado.

Que no novo lar que constituíram reine sempre a paz é o que lhes desejamos.

Operação

Pelo habil operador, dr. Jaime de Magalhães, distinto especialista de doenças da garganta, foi há dias operado, no Porto, o sr. Antonio Luiz da Fonseca, estimado cavalheiro no meio barcelense, filho do sr. Dr. Teotónio da Fonseca, muito digno Conservador do Registo Predial em Barcelos.

A operação realizou-se com o melhor êxito, pelo que felicitamos Sua Ex.^a

Ainda o banquete nacionalista

Assinada, por todos os que assistiram á imponente e patriótica manifestação dos intelectuais que defendem o Estado Novo, foi enviada, ao presidente da Assembleia Nacional, a seguinte mensagem:

«Os signatários, tendo tomado conhecimento de que á Assembleia Nacional foi enviada com data de 31 de Janeiro uma reclamação em nome dos *escritores, artistas e jornalistas do Paiz* da qual não tiveram conhecimento, protestam contra esse abuso perante o País por intermédio da Assembleia Nacional.»

Farmácias de serviço

No proximo domingo e durante a semana estão de serviço as farmacias de A. Faria ao Largo Dr. Martins Lima, e J. Alves de Faria em Barcelinhos.

Dr. José Marques Barbosa dos Reis Maia

O seu falecimento

Correu veloz na 5.ª feira a triste noticia da sua morte que deixou consternados todos quantos o conheciam.

Sabia-se que estava gravemente doente, mas tambem chegavam noticias um tanto animadoras anunciando melhoras e dizendo-se que viria convalescer para a sua propriedade de Gamil. Infelizmente na ultima 5.ª feira, pela manhã, deixava este mundo e transpunha os umbrais da eternidade. Transcrevemos do «JORNAL DE NOTICIAS», do dia 1 do corrente, a noticia do seu falecimento:

«Ontem de manhã, após um prolongado e doloroso sofrimento, faleceu o distinto causidico e cintilante homem de letras dr. José Marques Barbosa dos Reis Maia, figura de grande destaque na cidade do Porto pelos seus extraordinarios dotes de intelligencia e inconcussa estrutura moral. Apenas com 49 anos de idade, e já com uma larga folha de serviços prestados á magistratura e ás letras pátrias, com a sua morte perde-se um dos valores mais lidimos e reais dos nossos tempos.

O dr. Reis Maia era natural de Vila de Punhe e bem cedo revelou as suas qualidades de intelectual. Duma cultura vasta, abordava qualquer assunto com sólida intelligencia, sendo subtil na maneira de conversar e original na forma de escrever.

Jornalista dos mais distintos, colaborou com assiduidade na antiga «Pavla», no «Primeiro de Janeiro» e no «Diario do Porto», desta cidade, bem como em outros jornais de Lisboa e provincia. Fundou a «Gazeta Judiciaria», importante revista de direito que marcou brilhantemente na literatura juridica, sendo o seu nome por esse motivo, varias vezes citado em obras de outros juriconsultos eminentes.

Fez o curso de teologia em Braga e frequentou a Universidade Gregoriana de Roma, aonde se conservou alguns anos, tendo-se formado em Louvain, Belgica. Arguto, duma intelligencia forte, num ano só fez o curso completo dos liceus e em Coimbra, na Universidade, repetiu, tambem num só ano, todo o curso de Direito.

Em Barcelos exerceu a advocacia e foi director do Banco daquela cidade durante muito tempo, tendo depois fixado residencia na cidade do Porto, onde marcou como advogado de varias Companhias, entre elas a Companhia Carris do Porto, tendo tomado parte em pleitos de séria importancia.

Muito dado á literatura, escreveu o romance «Honra de Mulher» que é um notavel trabalho de psicologia amorosa.

Em 1926 publicou um grosso volume intitulado «Direito Geral das Obrigações», livro este que tem sido muito apreciado e serve nas Faculdades de Direito para consulta e estudo dessa especialidade. Era tambem socio da firma Engenheiros Reunidos, L.da.

O seu funeral, como noutra lugar se anuncia, realiza-se hoje, ás 16 horas, da sua residencia para a igreja de Santo Ildfonso, seguindo o feretro, depois, para Vila de Punhe, terra da sua naturalidade, onde será depositado em jazigo privativo.»

«NOTICIAS DE BARCELOS» apresenta a sua Ex.^{ma} viuva Sr.^a D. Bertha Meunier dos Reis Maia e Filhas a expressão do seu muito pesar.

José Perestrelo

Largo José Novias—BARCELOS

Automoveis de aluguer

Oleos e gasolinas

Como tem sido orientada a acção da brigada tecnica dos vinhos americanos

As primeiras palavras que trocamos, dão-nos a certeza de que o engenheiro agrónomo sr. dr. Kol d'Alvarenga, está perfeitamente senhor de tudo quanto á sua ingrata missão diz respeito.

Nada tem escapado á sua observação meticolosa, á sua intelligencia e aos seus conhecimentos tecnicos.

O espirito da Lei, compreendeu-o o nosso ilustre entrevistado e é ela que informa as suas resoluções.

Não admira, portanto, que o chefe da «Brigada dos vinhos americanos», quando lhe dirigimos a pergunta:—Porque será que alguns lavradores afirmam não lhes terem deixado o vinho necessário para o seu consumo?—responda prontamente...

—Porque ignoram as normas que seguimos ao fixar a quantidade de vinho que deixamos em cada casa agricola.

—E quais são essas normas?

—Duzentos a trezentos litros por pessoa. Mas convem esclarecer que nessa quantidade é incluído o chamado «vinho de casta», o que por vezes implica, quanto ao americano, serias reduções. Posso todavia afirmar-lhe que, feito o calculo desta maneira, não há casa agricola com direito a queixar-se de ter ficado com menos; e olhe que 200 a 300 litros por pessoa (crianças e adultos) já é vinho que chegue...

—Então não se justifica...

—Pois não justifica, mas explica-se.

—Explica-se?!...

—Eu lhe conto:—E' que muitos lavradores julgam que a brigada deve deixar-lhes o vinho que eles requisitem. Ainda há poucos dias, num concelho visinho, o paroco de uma freguesia defendeu este criterio sem reparar que, se assim fôsse, o lavrador requisitava o vinho todo e desaparecia a razão da existencia da brigada...

—Por onde começou a brigada os seus trabalhos?

—Pelo concelho de Braga.

—De inicio houve protestos?

—Protestos, não. Quando muito ligeiras reclamações, em parte determinadas pelo «trop de zèle» de alguns regentes agricolas chefes dos 10 grupos em que a brigada se divide.

Cito-lhe um caso: Na freguesia de Arentim os regentes entraram numa quinta que não é grangeada pela sua proprietaria.

Apareceu o caseiro, e indicado o numero de pessoas da familia, fixou-se a quantidade de vinhos que deixava de ser sequestrado.

Dali a instantes surgiu a proprietaria e declarou que tambem exigia vinho para si.

Os regentes—aliás com justiça—não a atenderam, e ela veio reclamar.

—Em face disso...

—Expliquei á reclamante que ela, não cultivando directamente, não devia ser atendida. Todavia, reconhecendo-lhe uma certa razão moral, ordenei que se contemporisasse com os seus desejos.

Ainda a seguir dei instruções para que se usasse de benevolencia, procurando-se tanto quanto possivel, mas sem consentir exageros, evitar que os lavradores ficassem descontentes...

—Desde então?

—Desde então tanto no concelho de Braga como nos de Vila Verde, Celorico de Basto e Ribeira de Pena, onde já está feito o «arrolamento», os serviços decorrem normalmente.

Claro está que os grupos não vão para o trabalho em som de guerra. Se alguém tem dito isso, mente.

As minhas instruções, que sei terem sido rigorosamente cumpridas, orientam o serviço de forma a conquistar a opinião e a fazer compreender aos lavradores as vantagens da solução do magno problema vinicola.

Desta maneira se tem combatido a

VINHOS AMERICANOS

Oportunas declarações

O que disse o engenheiro-agrónomo sr. dr. Kol d'Alvarenga, chefe da Brigada dos Vinhos Americanos, a um jornalista do «Correio do Minho»

desconfiança encontrada nos primeiros dias de acção, e com tão grande êxito, que depois de cumpridas as formalidades, seladas, portanto, as vasilhas com o vinho que fica comprado pelo Estado e explicados, em rapidas palavras, os fins da missão e os propósitos do Governo, acabamos por encontrar manifestações de concordância, de satisfação e até de aplauso.

Muitos lavradores tem recebido festivamente a Brigada

O engenheiro-agrónomo sr. dr. Kol d'Alvarenga, que ao fazer estas declarações ganhou entusiasmo, tece agora o elogio do povo minhoto, enaltecendo o seu character, a sua lhaneza e o seu patriotismo.

Nós quedamo-nos a escutar as encomiasticas referencias, deixando de escrever.

E o nosso entrevistado, que parece traduzir por duvida o «descanço do lápis», afirma energicamente, como a impôr convicção:

—Olhe que digo só a verdade.

Em muitos lugares fomos homenageados com festas; e grande numero de lavradores, para nos receberem nas adegas varridas e arrumadas que, para a gente dos campos, são as suas «salas de visitas, vestiram as roupas domingueiras...

Registada a ultima afirmação, porque o sr. dr. Kol d'Alvarenga assim o exigiu, retomamos o fio da conversa:

—A brigada está agora?...

—No concelho de Famalicão.

—Tambem nesse tem sido bem recebida?

—Como nos outros. Os casos de desconfiança isolada desaparecem, como expliquei, á medida que cumprimos a nossa missão...

Um caso... isolado

—V. Ex.^a falou-nos que um pároco...

—Falei; é o de (e vem o nome de uma freguesia do concelho onde a brigada actua).

Esse caso deixou-me aborrecido, por se tratar de uma pessoa com tão alta situação e inerentes responsabilidades.

Imagine que depois de nos ter recebido mal chegou a afirmar, irritado, que arrancaria os selos das vasilhas.

—Não lhe apresentaram as vantagens do Decreto?

—Primeiro deixamos amainar o temporal. Depois mostramos. E felizmente, ainda desta vez, após largas explicações, conseguimos, pela força da nossa argumentação, vencer o recalcitrante...

A existência de vinho americano não é tão grande como se julga

—E' elevada a quantidade de vinho sequestrado?

—Até agora cerca de 1.000 pipas. Achamos pouco e interrogamos com o olhar.

O sr. dr. Kol de Alvarenga, vindo ao encontro do nosso pensamento:

—Sim, talvez seja pouco. Mas é preciso notar que nós, como o problema vinicola estava a ser apreciado na Camara Corporativa e na Assembleia Nacional, com possibilidade de considerar determinadas zonas, não iniciamos o arrolamento pelos concelhos da orla maritima, aqueles onde a produção é maior.

De resto é bom esclarecer que o vinho americano é consumido, no geral, até aos meses de Março e Abril, pois alem dessa data corre o perigo de se «voltar».

—Daí?

—Daí o ter já desaparecido grande quantidade. Os pequenos produtores, especialmente, já beberam o que haviam colhido. Por estas razões estou convencido de que a existencia total do vinho americano é muito inferior ao que se julga.

O Estado vai pagar o vinho a...

—Qual será o preço a fixar, por pipa, para as indminisações?

—E' esse um pormenor delicado e talvez o que impõe maiores dificuldades á nossa missão...

O credito de 4.500 contos, destinado a essas indminisações, já foi aberto; mas o preço porque vai ser pago, por grau e por pipa, o vinho americano, ainda não foi estabelecido. Estou, porém, certo, que dentro de dois ou três dias os lavradores vão receber com alegria essa noticia...

—Com alegria?!...

—Sim, com alegria, porque o preço a fixar deve ser compensador...

E concretizando:

—Antes da Brigada iniciar os seus trabalhos troquei impressões com os ilustres membros da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

Nessa troca de impressões ficou mais ou menos assente o preço de 15 a 17\$ por grau, o que deve dar a media de 100\$00 por pipa de 6 graus. Já vê que tendo se espalhado a convicção de que as indminisações seriam uma «ninharia», desde que o preço seja o acima referido, — e demais a mais pago imediatamente — deve ser aceite com satisfação...

—Mas será, de facto, pago imediatamente?

—Por certo. Então para que foi aberto o credito?!...

—Como será feito esse pagamento?

—Julgo que pelas repartições de finanças, em circunstancias identicas ao que está estabelecido para com os trigos adquiridos pela Federação dos respectivos produtores.

—E se os 4.500 contos não chegarem?
—Será aberto novo credito. Mas é natural que se não torne necessario porque, como ha pouco lhe disse, a existencia de vinho americano deve ser inferior ao que se julga, circunstancia que tambem deve causar satisfação aos produtores das castas indigenas, visto serem eles quem vai pagar depois, por meio de pequeno tributo, o quantitativo da indminisação.

O decreto que resolve o problema viti-vinicola é uma medida geral

Nós sabemos que em alguns sectores se apresenta o Decreto sobre a crise viti-vinicola como favoravel, em determinados pontos, á região do Sul.

Procuramos colher a opinião autorizada do nosso entrevistado nesse pormenor, e o sr. dr. Kol d'Alvarenga responde:

—Não acredite. O problema viti-vinicola é um problema nacional.

Foi dentro desse criterio que o ilustre Ministro da Agricultura o resolveu, sem deixar de ter em conta, claro está, particularidades que interessam apenas a determinada região. E ninguém—não ser que use de má fé—pode garantir que o Sul, depois de lhe ser vedado o desenvolvimento da area dada á vinha e depois de obrigado ainda a outros sacrificios pesados, gose de uma situação de favor.

Citando as «particularidades que interessam apenas a determinada região» o sr. dr. Kol d'Alvarenga sugere-nos nova pergunta:

Então desde que se olhou a regiões, porque não foi tida em conta, para o vinho americano, a zona do litoral?

Como se já esperasse o «ataque», o nosso entrevistado responde célere:

—Pretende-se acabar com a superprodução... e é o vinho americano, especialmente, que a provoca...

Quem tem «productores directos» que enxerte. E deixe-me dizer-lhe:—tudo que se afirma quanto á impossibilidade de manter na zona maritima as castas indigenas, não corresponde á verdade. E' só questão de mais um pouco de trabalho e cuidado. Quando dirigi o Posto Agrario do Minho Litoral, em Santa Cruz do Bispo, bastante proximo do mar, all tive oportunidade de constatar que a vinha indigena, enxertada sobre bons cavalos americanos, apropriados aos terrenos, produz satisfatoriamente.

Talvez para Barcelos...

Decorre uma hora, apoz o inicio da nossa conversa.

O sr. dr. Kol d'Alvarenga, que suportara, com uma paciencia benedictina, as impertinencias do «reporter», já havia dito muito e bom...

Era necessario concluir.

Fizemos, por isso, a ultima pergunta:

—De Famalicão, para onde segue a Brigada?

—Talvez para Barcelos, a grande adega do americano...

—Sem receios?

O nosso ilustre entrevistado, responde sorridente:

—Logo que o preço esteja fixado, os lavradores—esteja certo—até desistem de ficar com americano para o seu consumo...



MANUEL AUGUSTO DE ARAUJO PASSOS

ENSAIADOR-ANALISTA E AVALIADOR OFICIAL DA COMARCA DE BARCELOS PELA CASA DA MOEDA

(C O N T R A S T E)

Avaliador da Caixa Geral de Depósitos, Credito e Previdencia

Ourivesaria e Relojoaria

Laboratorio de ensaios quimicos de metais preciosos

RUA D. ANTONIO BARROSO E LARGO JOSÉ NOVAIS (esquina)

BARCELOS

MAIS GRIPE?

Pergunta-se se sim ou não estamos a braços com a gripe. Sim, se dizendo gripe nos ativermos ás recrudescências habituais da molestia todos os anos na estação fria. Mas o que se deseja saber é se tem fundamento o receio da iminencia do flagelo de há 17 anos, que, depois de uma primeira incursão chamada *gripe espanhola*, refinou na devastação da *gripe pneumónica*. Deí-lhe, então, este titulo para significar tão somente a frequência insólita e a gravidade extrema dos casos pulmonares, que a caracterizaram e assinalaram para todo o sempre. Pneumónica, porém, é, em geral, toda a incursão gripal visto que nenhuma passa sem rasto mais ou menos pronunciado de localizações pulmonares, que são mesmo o sinal demo-clínico da aparição epidémica. Não se segue daqui que o apelativo se aplique á ligeira a toda a acometida epidémica de influenza. Agora mesmo tenho visto cometer vulgarmente esse erro, a sugerir temores que a lembrança do passado pode incutir. Não — praga daquelas como a que se cêvou formidavelmente pelo Mundo todo em 1918 medeiam séculos antes que faça a sua reaparição trágica. As pandemias de desigual intensidade visitam-nos, sim, a intervalos irregulares de dezenas de anos; a minha vida de epidemiologista já assistiu a duas e padeci de ambas como medico e como vítima, a de 1889-90 e a de 1918-19, aquela grandemente inferior a esta em força morbida.

Sem querer imitar Cassandra, na assembleia lá de fora onde de muito tomo parte activa, ainda há pouco aludi ao risco de uma investida proxima, sem pensar, todavia, na sua vinda imediata. Tê-la-emos á vista? Vejamos se sim, se não.

Desde o macareu de 1918 que a influencia se entremostra com singular tenacidade, de dois em dois anos em regra. Assim tem sucedido por toda a parte, quasi ritmicamente. Portugal não escapou a este compasso epidémico; algumas vezes registamos neste diário essas exacerbações na quadra de Dezembro a Março, marcadas pelo aumento do obituario das molestias agudas das vias respiratorias e da soma total dos obitos de toda a especie. Destas entradas sazonais algumas têm dado que fazer em varios países, especialmente nos Estados Unidos; cite-se o exemplo de Graz na Austria, onde em 1933 a epidemia quasi se equiparou ao gravame da antiga pneumónica.

Estas repetições parecem pertencer mais particularmente á sucessão da ultima pandemia; a antecedente, a de 1889, deu de si post-epidemias, algumas importantes, como a que registei no Porto em 1896, que chegou a dobrar o obituario de algumas freguesias. Mas, em seguida, esses retornos interpandémicos não assumiram a intensidade nem o caracter regular e universal, como agora os consecutivos a 1919.

Este ano, em que não falhou a sua visita de inverno, como se comporta ella fora da terra e dentro da terra?

Em França, segundo de lá me informam, surdiu simultaneamente no Centro, na Lorena, no Oeste e no Norte; no sul do país quasi se não sente. Os casos são benignos na população civil; não assim na classe militar, onde tem havido vitimas de congestões pulmonares nos quartéis das guarnições de varias cidades. Na Inglaterra, os registos epidemiológicos mostram elevação nos obitos por gripe, mas uma deminuição na quota da mortalidade geral e na cifra dos casos de pneumonia aguda. Na Alemanha, passa-se coisa semelhante: as mortes pela gripe sobem um pouco, o numero das pneumonias fatais baixa, assim como a taxa obituarial. Em outros países, como a

O PENSAMENTO CRISTÃO E O ESTATUTO DO TRABALHO NACIONAL

Antes de relembarmos um dos aspectos mais importantes do *Estatuto do Trabalho Nacional*, — que é aquele em que se garante o direito de propriedade, — e para melhor penetrarmos o espirito do referido diploma, importa atentar no que a Igreja preceitua a este respeito, pela voz autorizada aos seus Doutores e Santos Padres.

Ensinava S. Basilio que as riquezas eram dadas por Deus a certos homens para que estes as distribuíssem, durante a vida. E acrescentava que o justo não liga o seu coração ás riquezas, quando as tem; que as não pede, quando as não tem; e que nem goza das que lhe são confiadas, sendo apenas o seu administrador, porquanto nenhum homem prudente pode ambicionar a função de distribuir o bem dos outros.

Mais rigoroso é ainda o pensamento de Santo Ambrosio, quando proclamava com energia: «o mundo foi criado para todos, e vós ó ricos, sendo tão poucos, esvorçai-vos por reservá-lo para vós; este pão que tu retens pertence aos que têm fome; esses vestidos que tu guardas pertencem aos que estão nus; o dinheiro que tu escondes debaixo da terra é o reigate e a liberdade dos miseráveis.»

Jerónimo aconselhava com imperturbavel solenidade: — se possuis mais que o preciso para o sustento e para o vestuario, dai este acréscimo e considerai-o dívida vossa.»

Santo Agostinho exclamava com a mesma convicção e ardor: — «Não será o direito humano a base da posse daquele que possui? Pois, segundo o direito divino, pertence ao Senhor a terra e tudo o que a enche. Deus fez do mesmo barro ao pobre e ao rico... Suprimi a legislação dos imperadores e quem ousará dizer: esta casa é minha, ou é meu este es-

cravo? E' em virtude do direito dos principes que se possui o que se possui.»

Não deve pois surpreender-nos, depois do que já escutamos, que S. Gregório sustentasse que deviam ser advertidos, aqueles que misericordiosamente davam do que possuíam, de que se deviam considerar investidos pelo Senhor do Ceu na missão de administrar os recursos materiais e que o fizessem com humildade, persuadidos de que davam aquilo que lhes não pertencia. E' que a terra era bem comum dos humanos, e, portanto, era em comum que ella a todos devia fornecer os alimentos... mal andando em se julgar inocentes os que a si próprios atribuíam os dons que Deus prodigalizara comumente.

Terminemos com S. Tomás, segundo o qual o homem possuía dois direitos, em relação aos bens exteriores: consistia o primeiro no poder de administrar e de dispor desses bens — *potestas procurandi et dispensandi* — sendo-lhes, quanto a elles, permitida a posse particular; o segundo dizia respeito ao uso dos mesmos bens, não os devendo possuir, tomados nesse sentido, como bens próprios, individuais, mas como bens comuns, de modo que facilmente os tornasse partilháveis pelos semelhantes que deles tivessem necessidade.

Podemos agora compreender o verdadeiro e profundo significado do que estabelece o *Estatuto do Trabalho Nacional*, quando afirma o seguinte no seu artigo 12.º: «O Estado reconhece o direito de propriedade e respectivos poderes de gozo e disposição, em vida ou por morte, como imposição racional da natureza humana, condição do maior esforço individual e colectivo na familia e na sociedade, e uma das bases essenciais

da conservação e progresso sociais.» Preceituando no seguinte que «O exercício dos poderes de proprietario é garantido quando em harmonia com a natureza das cousas, o interesse individual e a utilidade social expressa nas leis, podendo estas sujeitá-lo ás restrições que sejam exigidas pelo interesse público e pelo equilibrio e conservação da colectividade. O vinculo que liga o proprietario ao objecto da propriedade é absoluto, sem prejuizo porem da faculdade de expropriação, a qual só pode ter lugar mediante justa e prévia indemnização.»

Vemos pois que, á face do mesmo *Estatuto*, o direito de propriedade não tem limites, mas simplesmente no que se refere ao vinculo porque o proprietario se liga ao objecto da propriedade, isto é, no que respeita o *poder de administrar* e de *dispor* dos bens que possui.

E' o *potestas procurandi et dispensandi* de S. Tomás. Quanto ao exercício desse poder, diz a lei que elle «fica sujeito áquelas restrições que exigirem o *interesse publico* e o *equilibrio e conservação da colectividade*, o que equivale a dizer que ao exercício desse direito individual devem ser atendido o bem comum por forma a não prejudicar os interesses na sociedade. Como observou um publicista católico, «não se nega á propriedade character individual, mas condiciona-se este pela sua função de servir a humanidade.»

E' que o Estado Novo, não sendo de modo algum socialista, repudia ao mesmo tempo qualquer contacto com as ideias viciosas do individualismo liberal, económico, burguês, capitalista. Daí as suas afinidades com o Pensamento Cristão.

Suiça, Dinamarca. Escandinavia, não se denuncia vaga de temer.

De Espanha é que as ultimas noticias indicam uma difusão extraordinaria nas cidades de Madrid, Saragoça, Barcelona, etc. Dar-se á caso que o contagio, ao rolar por casa dos nossos vizinhos, adquira uma epidemicidade exaltada, como em outras eras aconteceu e da ultima vez se repetiu? Gripe espanhola, inscrevem varias os anais epidemiológicos, chamadas mais por mera apparencia do que por naturalidade provada. Para nós é que o tem sido sempre, porque de lá, por contiguidade geográfica, recebemos o presente. Da ultima vez abriu-se a brecha de entrada pela raia alentejana; e essa recordação fez que os serviços de saúde fixassem agora lá a sua atenção vigilante. Em Campo Maior e outros concelhos limitrofes appareceu a onda, mas não se tem alastrado, como seria de prever. O rastilho de 1918 pegou logo e foi a valer.

Em Portugal, não se deu tendo até agora senão da gripe habitual da quadra corrente. Não avultam, relativamente aos anos anteriores, as entradas nos cemiterios, a cifra obituarial das pneumonias, os internamentos hospitalares, segundo as informações recolhidas pela Direcção Geral de Saúde. E é para notar que em Lisboa tem reinado o sarampo com o seu cortejo costumado de bronco-pneumonias.

Virá sobrepor-se a esta gripe mansa uma vaga de origem espanhola? Quanto mais se passam os dias, menos provavel se torna que alastre a onda. Acertos profeticos não podem todavia emitir-se com segurança para molestia epidémica tão enganadora como esta,

de que mal conhecemos as leis.

Importa estar prevenido para o que der e vier, e até onde humanamente se possa. Tratou desde logo de cumprir este mandamento a Direcção Geral de Saúde. O dr. José Alberto de Faria, desde o principio de Fevereiro, a 7, expediu uma circular aos funcionarios sanitarios, dando-lhes ordem de sentido e preceituando tudo quanto urgia para a vigilancia a exercer e para a hospitalização dos epidemiados, se ella vier a ser necessaria. Organizou os serviços de previdencia, ao que o Governo prestou as autorizações devidas e os recursos necessarios.

Conselhos para uso dos pacientes estão dados ha muito e repetidamente. Cautela e caldo de galinha, dizia o bom sengo antigo; o caldo de galinha perdeu de moda, mas as cautelas nunca serão poucas. Tudo que seja evitar constipações, será a melhor das defesas, e com ella furtar quanto possivel os corpos a contagios. Lembre-se o escandalo das janelas abertas dos electricos, onde quem se atrever por amor da pele a mandá-las fechar sofre pela certa doestos por parte de algum circunstante sem respeito pela educação e pelo resguardo do proximo.

Preventivos especiais não se descobriram ainda que valham — nenhuma droga goza dessa virtude, nem tão pouco o alcool. As bebidas alcoolicas não livram de nada, e tomadas em excesso deminuem a resistencia organica, se a infecção sobrevier.

Meio de combater o contagio que se faz pelas vias respiratorias, ha. Quem tosser e espirra ponha o lenço diante da bôca. Aos engrifados aplique-se a receita de uma compressa ou de um

lenço posto diante da bôca e do nariz, para poupar o pessoal assistente. Lá por fora, esta pratica recomenda-se e entra de usar-se. Por exemplo, nas maternidades e creches da Russia sempre que a mãe ou a ama estão constipadas põem a máscara quando dão de mamar á criança. Se tal resguardo entrasse nos habitos, quantas constipações e gripes se não preveniriam.

Ricardo Jorge



EUROPEA
COMPANHIA DE SEGURO
Sede-Rua Nova do Almada, 64-1
LISBOA

Seguros contra incendios
» responsabilidade de civil
» accidentes de trabalho
» accidentes individuais

CONSULTEM A NOSSA TARIFA DE PREMIOS
Agente em Barcelos
Alcides Ribeiro

MANTEIGA

DA COOPERATIVA DE LATICINIOS DA RIBEIRA DO NEIVA

Por ser a melhor e a mais pura vende a

“CASA TOMAZ”

Unicos depositarios nesta cidade.

Procurador Corrêa

Largo José Novais n.º 8

Camara Municipal

Extracto da acta da sessão de 4 de Fevereiro de 1935

Aos 4 dias do mês de Fevereiro do ano de 1935, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal e sala das sessões, reuniu a Comissão Administrativa Municipal, sob a presidencia do Ex.º Sr. Miguel Gomes de Miranda, estando presentes os Srs. vogais Francisco José Monteiro Torres, José Gomes de Souza, Antonio Gomes de Faria Rêgo e Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro. Por motivos justificados, não compareceram os vogais Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, por estar em gozo de licença, José de Bessa e Mezezes e Joaquim José de Oliveira, secretário.

Depois de dada a hora fixada para as sessões pelo Sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da Lei. E eu, Chefe da Secretaria, li perante todos a minuta da acta da sessão anterior que foi aprovada.

EXPEDIENTE

Foi presente o balancete do cofre municipal relativo á semana ultima, acusando um saldo em dinheiro de 16.321\$44.

Foram autorizados os documentos de despesa n.º 949 a 988, inclusive, no valor total de 19.260\$32.

HORARIO DE TRABALHO

Pelo Sr. Presidente foi dito em seguida: Que em correcção á proposta de 6 de Novembro ultimo, propunha que o encerramento das tabernas fosse ás 22 horas nos meses de Novembro a Março e ás 23 horas nos restantes meses. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

REMISSÃO DE FÓROS

Foi resolvido autorizar desde já todas as remissões de fóros requeridas á Camara, e encarregar o Sr. Presidente de outorgar nas respectivas escrituras em nome da Camara.

FESTAS DAS CRUZES

O Sr. Presidente disse em seguida: Que tendo a Comissão de Iniciativa e Turismo criado uma Sub-Comissão das Festas, encarregada especialmente de dirigir e organizar todas as festas do concelho e principalmente as Festas das Cruzes, propunha que o produto do adicional lançado sobre o imposto das carnes passasse a ser entregue directamente á Comissão de Iniciativa e Turismo, oficiando se nesse sentido á Associação Commercial, que manifestou já, particularmente, o seu accordo relativamente á entrega do adicional á Comissão de Iniciativa. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

PAVIMENTAÇÃO DO CAMINHO QUE VAIDO LOGAR DE SANTO ANDRÉ AO LOGAR DA PIADELA, NA LAMA

Foi presente, devidamente organizado, um processo em que a Junta de Freguesia da Lama pede á Direcção dos Melhoramentos Rurais um subsidio para a pavimentação em calçada á portuguesa do caminho que vai da Estrada Nacional n.º 8 2.ª, no logar de Santo André, freguesia da Lama, e termina no logar de Piadela. Foi resolvido secundar o pedido da Junta de Freguesia da Lama.

ALARGAMENTO DA RUA VISCONDE DE S. JANUARIO

Foi presente um officio do engenheiro chefe da primeira secção da Direcção dos Edificios Nacionais do Norte, perguntando se a Camara deseja, ou não, aproveitar a importancia concedida pelo Fundo do Desemprego para a obra de alargamento da rua Visconde de São Januario. Resolvido comunicar que a Camara não

PELA RAMA

—Há sintomas, meu caro Pires...
—Isso há, meu caro Mota. Por exemplo: um espirro—sinal de deflueira.

—Ou efeito dumã pitada. Mas há sintomas e sintomas: os que não enganam...

—E os que enganam. Por exemplo?
—Você não me deixa chegar onde eu quero!

—Ah! quer chegar? Pois eu persuadia-me de que queria partir... de que o «há sintomas» era ponto de partida para algum dos seus habituais discursos «inter amigos»...

—Talvez. Mas, caramba, não me barre a passagem com os «por exemplo!»—Posso seguir.

—Essa pergunta faz-me lembrar que uma vez...—ainda não havia combóios—ia, em jericos, a caminho de férias para o Norte, uma multidão de estudantes de Coimbra. Quando a cavalgada...

—Aliás jericada...

—Agora é você que não me deixa seguir...—Quando a jericada entrou numa rua estreita de certa terra do distrito de Aveiro, os da vanguarda viram a uma janela de solarenga casa um velhote cujo nariz, a eles apontado em riste, era monumental: e eis que um deles commandou: «alto!»

—E tudo parou...

—Tudo. E o que gritou «alto!» avançou e, em frente da janela, onde estava, o velhote com o nariz a atravancar a rua, desbarretou-se e, em alta voz, perguntou: Podemos passar?

—E' bôa! E o narigudo...

—Agarrou na ponta do nariz co lóssso e, como a desatravancar a rua,

virou-o na direcção que os rapazes quiriam seguir, e, em voz também forte, autorizou:—Podem passar!

—E' bôa é bôa, seu Pires!—Claro, a jericada passou...

—Foi passando e ovacionando...
—Pois eu também quero ovacioná-lo. Posso passar?

—Faça alto!—Há sintomas que não enganam, dizia você... Por exemplo?

—Bolas! aí volta você a atravancar-me o caminho com o «por exemplo!»
—Por exemplo... por exemplo... Cá vai: no memorável jantar nacionalista de domingo falou-se de nacionalismos...

—Alto! Eu sabia que você tinha assistido a êsse jantar e logo presumi que com o «há sintomas» queria entrar pelos nacionalismos dentro. Ora, como isso de nacionalismos já para mim é maçada, tanto mais que você é orador, e de discursos—desculpe, ó Mota—estou eu farto, tratei de lhe atravancar o caminho... Meu caro, não o deixo passar! Falemos de outra coisa.

—De outra coisa?! Sim, mas depois de eu dizer que, nesse jantar em que se falou de nacionalismos, o nacionalismo que triunfou foi o meu—o meu, ó Pires!—o salazarista!

—Pode passar!—E quem o ovaciona sou eu.

—Nacionalismo, nacionalismo—nesta hora de ascensão de Portugal renascido para o seu zenite—só êsse. O mais, tudo o mais é consciente ou inconsciente reviralhismo auxiliar:

—Bravo! Siga, siga, ó Mota!

—Deixe lá passar os Josuézinhos que querem fazer parar o Sol...

—Bravo! Bravo! Bravo!

Paio Pires

tem presentemente recursos bastantes para custear a obra subsidiada.

OFICIOS

Da Junta da freguesia de Aguiar, pedindo a cedencia do imposto de trabalho. Resolvido fazer a cedencia. Do Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio do Distrito de Braga, saudando o povo deste concelho no momento em que inicia os seus trabalhos. Resolvido agradecer as saudações. Das Juntas de Vila Frescainha (São Martinho e São Pedro), officio já presente em sessão de 23 de Outubro, mostrando a necessidade urgente de pedir a criação de mais um lugar de professor para o sexo masculino, afim de que seja possível ministrar a todas as crianças a instrução de que carecem, visto existir apenas um professor para cêrca de cem crianças em idade escolar. Resolvido pedir a criação de mais um lugar para o sexo masculino.

REQUERIMENTOS

Da Junta de Freguesia da Lama, pedindo a cedencia do imposto de prestação de trabalho. Resolvido fazer a cedencia.

De Luiz Dias Martins, da freguesia de Cristelo, pedindo que seja feito o abatimento de 50% na avença de impostos indirectos que paga á Camara. Indeferido, por estar expirado o prazo de reclamações.

De António de Araújo Campos Pinto, Manoel da Costa Oliveira, António Alves de Araújo, Francisco José Pereira, Manoel José Ferreira, Padre José António Alves, Francisco da Costa Barbosa, José António Gomes Sá e José Ferreira Dias, da freguesia de Cambezes, pedindo a remissão dos fóros n.ºs 57, 43, 58, 16, 15, 55, 54 e 27 descritos no livro de fóros de Cambezes. Resolvido fazer a remissão nos termos da lei.

De Augusto Joaquim Pereira, desta cidade, requerendo vistoria ao seu prédio do Largo Bom Jesus da Cruz. A' Repartição Técnica, para proceder

á vistoria.

De Joaquim José Gonçalves, da freguesia de Vila Cova, pedindo concessão de nova licença para vedar o seu eirado sito no lugar do Mereces. Concedida nova licença.

De Bloco Barcelos, L.ª, pedindo licença para fazer uma modificação na frente do edificio da Fábrica da Granja e lembrando a urgencia de ser convenientemente calçada a parede da frente da mesma Fábrica, que o rebaixamento do largo da Granja deixou apenas suspensas sobre a terra. Deferido, de harmonia com a informação do Sr. Engenheiro.

De Domingos Martins, da freguesia de Quintiães, pedindo licença para fazer um muro de vedação no lugar da Carreira Cova e minar no mesmo prédio, e ainda para fazer uma ramada e depositar materiais. Deferido, sem prejuizo de terceiros e de harmonia com as informações da Repartição Técnica e das Juntas de Freguesia.

Nada mais havendo a tratar, pelo Sr. Presidente foi declarada encerrada a sessão em nome da lei.

DE LONDRES...

...Chegou a Lisboa, no passado dia 26, o bi-motor «SALAZAR» com que os audaciosos aviadores Carlos Bleck e tenente Costa Macedo, vão tentar realizar o vôo directo Lisboa-Rio de Janeiro, em menos de 48 horas.

O aparelho que veio de Londres a Lisboa num vôo directo, a-pesar-do mau tempo, fez a viagem á média horária de 320 quilómetros, aproximadamente.

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos

Domingo: a sr.ª D. Maria Noémia da Cunha Valongo Cardoso de Albuquerque.

Dia 11—a sr.ª D. Maria de La Saletto Araujo Veloso.

Dia 12—o sr. Manuel Gomes de Carvalho.

Dia 13—o sr. Eurico Soucasaux.

BANQUETE DE HOMENAGEM

Na próxima 3.ª feira, 12, um numeroso grupo de amigos e o Corpo Activo dos nossos Bombeiros Voluntários, oferecem um jantar ao illustre Comandante Sr. Manoel Pereira Esteves para comemorar o 36.º aniversario da sua eleição para aquele cargo que, com tanto amor e competencia, tem desempenhado.

A esta simpatica festa associam-se muitos amigos pessoais do homenageado, estando a inscrição patente no Centro de Novidades.

Agradecemos a gentileza do convite que nos foi feito.

CAMBIOS

Em 4 de Março de 1935

PRAÇAS	Comp.	Venda
Londres, cheque	110\$00	110\$15
Paris, cheque	1\$51,7	1\$55,2
Suiça, cheque	1\$60,3	7\$62,8
Bélgica, cheque	5\$41,6	5\$43,4
Itália, cheque	1\$94,8	1\$95,1
Holanda, cheque	15\$69,6	15\$74,6
Madrid, cheque	5\$16,6	3\$17,6
Nova York, cheque	22\$95,8	23\$03,1
Brasil, cheque	1\$47,2	1\$47,7
Noruega, cheque	5\$51,0	5\$53,7
Suécia, cheque	5\$66,1	5\$68,0
Dinamarca, cheque	—	4\$91,9
Praga, cheque	\$95,2	\$95,6
Berlim, cheque	9\$32,8	9\$35,8
Agio do ouro	71,0 ^c	—
Libra ouro	188\$10	—

ECOS SEM ECO

Continuado da 3.ª página

dicações do Minho e de todo o país, consubstanciados nas propostas do Sr. P.º Domingues Bastos.

Escola, escola!

alguém exclamou, ao ver tanta ignorância e malcriadez; e nós aqui dizemos ou repetimos aquilo que tantas vezes temos trazido para as colunas do «Noticias»: educação, educação! Com esta se equilibrarão os espiritos, se formarão os corações, se fortificarão as vontades, se disciplinarão as consciencias, de modo a um homem saber apresentar-se numa reunião, dizer o que pensa, reclamar o que precisa, expor suas reivindicações, aclará-las, justificá-las, sem com isso melindrar a assembleia, sem ofender aqueles que têm outro modo de ver sobre o assunto em questão, respeitando as autoridades e quem preside ou dirige a reunião; coisas tôdas estas que se lá não viram, mas muito *au contraire*.

Na minha estupidez e ignorância não vejo defeitos nos decretos vitivinícolas, mas se os têm estão remediados nas propostas do Sr. P.º Bastos; somos muito afeiçoados aos ditos dos antigos e também, por isso os applicamos aqui, para grandes males, grandes remédios; doem, ardem os remédios; (não vejo em quê), mais tarde, não muito tarde, se lhe colherão os frutos, plenos de interesse e de alegria.

Encontramos nos decretos em questão um defeito ou antes dois: um de não ter vindo á mais tempo; e outro de ter caracter definitivo quando deveria ser provisório.

Aguardemos serena e confiadamente as modificações que a Assembleia Nacional enter introduzir nos decretos vitivinícolas, que tudo será a Bem da Nação.

P. M.

PAGINA DO CONCELHO

Vila Cova, 5

Com a chuva os campos já parecem outros: os prados e as cearas verdejam, viçosos; trigos e centeios, «pretos como trovisco, pulam pela terra fora», na frase popular.

—Os larápios, na última semana, levaram ao sr. Antonio José Dias de Miranda todas as galinhas.

Os vários roubos deste género que na meses se vêm praticando aqui, sobem a algumas centenas de escudos. E' urgente descobrir e dar destino á malta.

—Continuam a aparecer infecções a torto e a direito. As esposas dos srs. Paulino José Ramos, Antonio Vilas Boas e Antonio Luiz Mendes nas pernas; e os srs. Firminio Martins da Fonseca, Brillantina Novo e Antonio Marques da Costa, nosso digno Regedor, em dedos das mãos, — todos têm sofrido seriamente e sem conhecerem o motivo das respectivas infecções.

—Como por toda a parte, tambem aqui ha muita falta de trabalho e muita necessidade e miséria.

Constantemente se está a apelar para a caridade dos Vilacovenses, para acudir a este, aquele, aqueloutro.

É justo e é de cristãos que se socorram os necessitados. Mas, sem que tenhamos a pretensão de acabar completamente com a miséria, pois haverá sempre pobres, estes casos tornar-se-iam mais raros, se fundassem as Casas do Povo. Que alguém do Estado Novo estude bem a lei, faça a propaganda, diga ao povo o que isto é e vamos. . . que se faz tarde. Que os mais ricos concorram generosamente. E os pobres com a quota minima; mas todos se ajudem a resolver o problema, como irmãos que somos. A bem ou a mal isto tem de se resolver.

A todos convem que se resolva a bem.

É para isso que Salazar quer as Casas do Povo. São horas de ir andando. Muitos? todos compreendem? Tanto melhor.

Poucos? Mas com fé? Valeriam por muitos. —C.

Ucha, 2

Deu-se hoje um principio de incendio em casa do nosso bom amigo sr. Aurelio Mesquita.

—Deve este ano pregar aqui as 40 horas, a pedido do nosso zeloso paroco sr. P.º J. Bacelar, o m. d. arcipreste abade de Vila Verde, sr. P.º A. J. Rodrigues.

—Mais uma vez lembramos ao sr. Victor, da camionete Braga-Prado-Barcelos, a necessidade de desdobramento, da sua *carreira*, á 5.ª feira, daqui a Barcelos, e á 3.ª feira, entre Ucha e Braga, neste dia, ao menos a 1.ª carreira da manhã, para Braga e a ultima, da tarde, de Braga a S. Romão da Ucha, ou até onde houver gente para os 2 carros. C.

Para o Céu

Na 6.ª feira pela manhã, voou para junto de Deus mais um anjinho — o lindo José Antonio, que durante quatro anos foi o enlevo dos pais que o idolatravam e que ficaram submersos na mais cruciante dôr.

Ao nosso amigo sr. José Pereira da Fonseca as nossas sentidas condolencias e que lhe sirva de lenitivo a certeza da bem-aventurança eterna de seu filhinho que no ceu pedirá a Deus pela felicidade de seus pais.

O enterro deste anjinho foi no sabado, ás 17 horas para São Martinho, com acompanhamento, sendo entregue a chave do caixão ao sr. Antero de Faria.

PARA A LAVOURA

A questão viti-vinícola

Considerações necessárias

O «DIARIO DO MINHO» jornal que na Capital do Distrito de Braga, vem desempenhando uma acção regionalista destacante, e que tem uma expansão notavel, sendo lido e anotado pelo criterio justo e imparcial posto em todos os seus escritos, com um brilhante corpo redactorial, pela pena de Santa Cruz, nome que se impõe a todos que se interessam pelo problema viti-vinícola, publicou um artigo da maior oportunidade e que passamos a transcrever:

Deu a Câmara Corporativo o seu parecer sobre o problema viti-vinícola, que a Assembleia Nacional aprovou, introduzindo-lhe apenas ligeiras emendas.

Considera-se, assim, para já, resolvido o assunto, embora com caracter provisório, como é necessário em medidas que foram consideradas de emergência pelos que as votaram e sobre elas deram o seu parecer.

Isso não impede, contudo, que ao caso se façam as necessárias referências, e sobre elle se bordem as considerações determinadas pela justiça.

E é agora o momento oportuno de o fazer.

Manteve-se a obrigação da enxertia dos produtores directos, ampliando-se louvavelmente o prazo de dois para três anos.

Ainda assim é indispensável não faltar aos lavradores com a assistência técnica e empregar de preferência a enxertia de borbulha, pois que o decreto sobre o assunto, como foi definitivamente aprovado, exige e determina que já este ano se faça a enxertia em cincoenta por cento dos produtores directos existentes.

Cumprir a lei usando a enxertia de garfo pode em muitos casos expôr os lavradores a um prejuizo grande, não sómente pelas falhas, como pela diminuição brusca de produção.

Não tem a enxertia de borbulha tais inconvenientes pois que permite aproveitar simultaneamente, no primeiro ano da enxertia, a colheita dos produtores directos e o enxerto, para florescer e frutificar no ano seguinte.

E esta forma de enxertia é mesmo a única aconselhável em ramadas altas, por não obrigar a deixá-las despidas durante um prazo largo ou em virtude das falhas ou por causa de número grande de varas a cortar para proceder á enxertia.

Pelo sistema do enxerto de borbulha todas as varas da videira podem ser enxertadas, até em mais de um ponto, as falhas serão por isso em menos percentagem, e as ramadas continuarão vestidas como estavam, podendo em três anos ser cobertas pelas muitas borbulhas que a videira produtor directo recebeu.

Isto que já se pratica sobre os produtores directos em várias regiões do país há alguns anos, utilizando-os apenas como porta-enxertos nas ramadas altas, por algumas variedades de produtores directos terem um desenvolvimento que não tem nem a Ripária nem Aramão, nem qualquer espécie de vide americana brava, poderá agora fazer-se nas regiões que se vêm por lei obrigadas á enxertia.

E' que sómente assim se poderá, nas regiões em que predomina o americano, estabelecer uma transição suave que não cause ao viticultor graves prejuizos, que fatalmente sofrerá, apesar do alargamento do prazo da enxertia para três anos, se o cumprimento da lei se fizer sem critério e sem orientação técnica.

Esta é absolutamente indispensável, parecendo-nos que seria acertado que as «Brigadas» que já têm percorrido as aldeias dessem neste sentido instruções aos lavradores, independentemente do envio de práticos que em tempo oportuno se encarregariam de tal serviço.

E' necessário que não se cuide de cumprir apenas a parte odiosa dos decretos, deixando ao mesmo tempo sem indicações os lavradores sobre o que hão-de fazer.

Não é sómente ao método de enxertia que tem de atender-se; é tambem ás variedades a enxertar.

umas não irão nos produtores directos; outras não valerão mais do que eles no vinho que produzam.

Se nos decretos aprovados na Assembleia Nacional se vir sómente o americano, para o selar ou desnaturar com leite de cal ninguém poderá afirmar que se cuidou a sério de resolver a crise e de conduzir o lavrador pelo caminho de uma cultura racional, que mais lhe aproveite e mais aproveite á economia do país.

E essa é que deve ser a finalidade a atingir.

Não se esqueça que quem quer os fins hã-de querer os meios para os alcançar, e que o fim neste caso só com a assistência técnica pode assegurar-se.

SANTA CRUZ

Fragoso, 4

A 23 de Fevereiro realizou-se o casamento do sr. Joaquim Corrêa de Sá com a sr.ª Maria Gracinda Martins Urbano. Muitas felicidades.

—No mesmo dia foi sepultado o sr. Antonio José Braz, casado, de 72 anos, que teve numeroso acompanhamento. A missa foi cantada por seu sobrinho o sr. P.º Alberto Braz, professor do Seminario de Braga.

—A 2 do corrente consorciaram-se o sr. Leopoldo de Sá Neiva, marinheiro da nossa armada, e a sr.ª Vitoria de Sá Vila-Chã, digna tesoureira da nossa J. A. C. Anguramos, aos benquistos noivos, as melhores felicidades.

—De ontem para hoje faleceu repentinamente o sr. Miguel Alves Poças, casado, antigo alquilador.

—Por motivo de trabalhos profissionais encontra-se entre nós o sr. Dr. Batista Neiva, ilustre advogado em Lisboa.

—Esta freguesia está de luto por causa da sentença de extermínio contra o vinho americano. Para compreender o seu estado de espirito é preciso conhecer de perto as privações do pobre e pequeno lavrador e ter coração para as sentir. E tambem o apreço que dá á sua amada *pingueta*. Vamos a ver se a brigada dos vinhos, que está para vir, saberá mitigar os rigores da lei e compreender o sacrificio exigido ao pobre povo das nossas aldeias cuja paciencia está a ser rudemente provada. Ainda se ao menos lhe dessem compensações por outro lado! . . . —C.

Couto, 4

E' com a mais viva satisfação que registamos nas colunas deste jornal a criação da U. Nacional nesta freguesia, sendo composta pelos srs.: Domingos P. Duarte Alvarenga, Cipriano Alvarenga de Miranda e Manuel Barbosa de Sousa—criaturas que reúnem as mais belas qualidades de caracter e que, acima de tudo, saberão imprimir neste novo organismo o mais acendrado amor á causa do Estado Novo.

—Tem apresentado algumas melhoras o Sr. Domingos Dias da Cunha Barbosa, que desde ha tempos se encontra doente.

—Após uma quadra invernosca que tão desejada era para suavisar o tempo e fazer crescer os pastos para alimento dos gados, surgiu o bom tempo que será o inicio da primavera.

—Os lavradores desta freguesia andam um tanto descontentes com o recente decreto sobre as videiras americanas e produtores directos. E' uma medida acertada, pois, desta forma, daqui a alguns anos os lavradores não colhiam pão nem faziam dinheiro nos vinhos, e esta super-produção muito afectaria a economia da lavoura. —C.

Armada do Estado Novo

Entram hoje no Tejo, as novas unidades da Marinha de Guerra Portuguesa — «Afonso de Albuquerque» e «Espadarte».

O aviso de 1.ª classe — «Afonso de Albuquerque» é a maior unidade da nova Marinha de Guerra Nacional.

A Comissão Concelhia da União Nacional de Lisboa, para festejar a entrada destes novos barcos de guerra — verdadeiro acontecimento nacional, resolveu tomar a iniciativa de lhes preparar uma brilhante recepção, a que se deve associar toda a população de Lisboa.

DOENTES

Encontra-se quasi completamente restabelecida, com o que muito folgamos, a esposa do nosso presado amigo e distinto colaborador sr. Dr. Joaquim Paes de Vilas-Boas.

—Com um forte ataque de gripe, encontra-se de cama o tambem nosso presado amigo e distinto colaborador sr. João de Sousa.

—De regresso do Porto, onde esteve internada em uma Casa de Saude, chegou há dias, já restabelecida dos seus incomodos, a esposa do nosso bom amigo sr. Dr. Fernando Moreira.

VIAGEM AEREA

LISBOA-RIO DE JANEIRO

Por estes dias, devem levantar vôo para a projectada viagem Lisboa-Rio de Janeiro, os tripulantes do avião «SALAZAR».

Estes, despediram-se já do sr. general Carmona de quem serão portadores duma mensagem dirigida ao sr. dr. Getúlio Vargas, Presidente da República Brasileira.

—«Noticias de Barcelos» faz votos para que a viagem seja coroada do melhor êxito.

HOSPITAL DA MISERICORDIA

Movimento durante o mês de Fevereiro—1935

DOENTES HOSPITALIZADOS

Existiam em 3 de Janeiro		Entraram durante o mês de Fevereiro		Faleceram		Sairam		Existem	
H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.
13	25	14	18	2	2	11	21	14	20

DOENTES EXTERNOS

Curativos feitos no «Banco» — 519

Sendo:

a homens	174	}	252
a menores varões.	78		
a mulheres.	160	}	267
a menores fêmeas.	107		

Agradecimento

A família da saudosa Josefa Ballester Crespo, que foi da casa de Ballester Costa, freguesia de Santa Eugenia, vem, por esta forma, agradecer, reconhecidamente, a todas as pessoas que acompanharam á ultima morada o cadaver da querida extinta, bem como a todas as pessoas que assistiram á missa do 7.º dia em sufragio da alma da mesma finada.

Santa Eugenia, 5 de Março de 1935.

A FAMILIA

Casa e quintal

Vende-se casa e quintal com ramadas e algumas fruteiras, em Vila F.ª S. Martinho lugar da Agrela, junto á estrada. Quem pretender dirija-se a Antonio de Jesus Mano, na mesma freguesia.

PASSA-SE

Estabelecimento de mercearia, vinhos e comidas, situado nos arrebalde desta cidade. Tambem se vende o prédio convido. Nesta redacção se informa.

DR. ADÉLIO MARINHO

MÉDICO

Consultorio e Residencia
Rua Dom Antonio Barroso, 121
Telefone 28

AOS SENHORES AGRICULTORES

Renato Lemos, empregado na Conservatoria do Registo Predial, de Barcelos, informe os senhores agricultores que vende batata estrangeira, com certificado fitopatológico e sellos de garantia, de origem, assim como adubos para todas as sementeiras a preços convidativos.

ARMAZEM

ALUGA SE um na rua Barjona de Freitas.

Para tratar: Emilio Moreira—«Casa Tomaz».

FURTADO MARTINS

Advogado

Rua Barjona de Freitas

Castanho em toros

Compra a Fábrica da Granja—Barcelos.

TODOS OS PORTUGUESES

DEVEM LÊR

Declarações do Sr. General Carmona ao jornalista Antonio Ferro. Salazar—o homem e a sua obra por Antonio Ferro.

A obra financeira de Salazar vista pelo professor Marcelo Caetano.

Discursos do Primeiro Congresso da União Nacional pelo Sr. Dr. Antonio de Oliveira Salazar.

Primeiros Discursos do Sr. Dr. Antonio de Oliveira Salazar.

Duas Escolas Politicas pelo Sr. Dr. Antonio de Oliveira Salazar.

O Pensamento do Ministro das Colónias, Dr. Armindo Monteiro.

Politica, Direito e Justiça: Conferências do Sr. Dr. Manoel Rodrigues.

O Mundo Português—Revista de Cultura e Propaganda de Arte e Literatura Coloniais.

Realizações do Estado Novo: Telefones.

Realizações do Estado Novo: Marinha.

Organização Corporativa Nacional: Conferências promovidas pelo Secretariado das Corporações.

A' venda nas livrarias e tabacarias em todo o País.

Piano vertical

em bom estado. VENDE-SE. Informações na redacção.

BLOCO BARCELOS, L. DA

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE (FONE 27—BARCELOS 4775—PORTO)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, Fabrica de Serração soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

— MOVEIS E DECORAÇÕES —

BARCELOS — PRADO — BRAGA

Partidas de Barcelos

8,25 da manhã
11,10 da manhã
1,25 da tarde (a)
4,55 da tarde

DO LARGO DA CALADA

Partidas de Braga

8,45 da manhã
11,30 da manhã (a)
2,15 da tarde
5,15 da tarde

DA RUA DOS CHÃOS.

N. B.—(a) Estas carreiras não se efectuem aos domingos.

A EMPREZA

João Bernardino Ribeiro

Avenida Alcaides de Faria
(Largo da Estação)

BARCELOS Tel. 82

Pensão e Restaurante—Vinhos Tintos e Brancos das melhores procedências. Casa de banho e aposentos com todo o conforto.

Mercearia—Vinhos licorosos e cereais. Sempre os melhores preços. Deposito e Revenda das afamadas aguas minerais de VIDAGO, MELGAÇO, PEDRAS SALGADAS e SALUS.

Consulte a minha tabela de preços.

Agencia da Companhia de Seguros «A MUNDIAL». O maior organismo segurador português. Seguros em todos os Ramos. Os melhores premios.

Manual de Acção Católica

Monsenhor Luiz Cívardi
D. Aires Ferreira (trad.)

Livro indispensável para conhecer, com precisão, o grande movimento em marcha — a Acção Católica. A' venda nas livrarias da cidade.

Vende-se

A casa que foi do falecido Comendador Manoel Gomes Ferreira da Costa.

E' situada na Campo de S. José, com os n.ºs 64 e 66.

E' uma das melhores casas da cidade e tem um grande quintal com boas ramadas e poço.

Trata-se com o solicitador Manoel de Faria.

AIRES DUARTE

MÉDICO

Ex-Assistente da Maternidade de Coimbra
PARTOS—CLINICA GERAL

Consult.: L. da Porta Nova—Tel.: 109
(Das 10 ás 12 horas)

Resid.:—Rua D. António Barro'o, 42

PINHEIROS

Nas bouças da Quinta de Paço Velho, a 2 quilómetros de Barcelos, vendem-se 2.889 pinheiros, que estão marcados. Para tratar com Dr. Lima Torres—Barcelos.

Advogado

António Pedrosa Pires de Lima

Largo de S. José, n.º 53
Consultas das 4 ás 6

Armazem

ALUGA-SE, na R. Candido dos Reis (R. da Mangalha), um amplo armazem, próprio para qualquer ramo de negócio ou oficina.

Para tratar na Sapataria Barbosa á R. D. Antonio Barroso.

“NOTICIAS DE BARCELOS,”

ASSINATURAS

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Ano

Barcelos	12\$00
Continente	14\$00
Colonias Portuguezas	25\$00
Paizes Estrangeiros	30\$00
Espanha	20\$00

ANUNCIOS

Judiciais

1.ª publicação, linha	1\$20
2.ª » » »	\$60

Outros anuncios, preços especiais

Desconto de 20 % aos assinantes

Dirigir todos os pedidos de assinatura e anuncios á Administração do «Noticias de Barcelos» ou á Tipografia deste jornal.